



LITERATURA SURDA: RESSIGNIFICANDO HISTÓRIA E CULTURA



DEAF LITERATURE: RE-MEANING HISTORY AND CULTURE

ROSILENE APARECIDA FROES SANTOS

MÁRCIO JEAN FIALHO DE SOUSA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 24/07/2020 ● APROVADO EM 02/10/2020

Abstract

The literary context has been opening up to the engaged word that translates the search for the representativeness of those who are left out by the majority groups. In this perspective, this work proposes a reflection about deaf literature and its role in the process of representing the deaf, considering that literary productions are artifacts of expression of the historical experiences of the deaf community. The study of deaf literature and its different forms of production makes it possible to highlight the linguistic and cultural specificities that are milestones of the deaf community, as well as corroborating the idea of literature as a practice of social representation of the deaf subject.

Resumo

O contexto literário vem se abrindo à palavra engajada que traduz a busca da representatividade daquele que é posto a margem pelos grupos majoritários. Nessa perspectiva, esse trabalho propõe uma reflexão a respeito da Literatura Surda e sua função no processo de representatividade do surdo, tendo em vista que as produções literárias são artefatos de expressão das experiências históricas da comunidade surda. O estudo acerca da Literatura Surda e suas diversas formas de produção possibilita evidenciar as especificidades linguísticas e culturais que são marcos da comunidade surda, bem como corroborar com a ideia de literatura como prática de representatividade social do sujeito surdo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Deaf literature; Deaf culture; Representation; Exercise of power.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Surda; Cultura surda; Representação; Exercício de poder.

Texto integral

“Emmanuelle refuse d’être considérée comme une handicapée.

Exact. Pour moi, la langue des signes correspond à la voix, mes yeux sont mes oreilles. Sincèrement, il ne me manque rien. C’est la société qui me rend handicapée, qui me rend dépendante des entendants.”¹

Emmanuelle Laborit

O texto literário compreende uma estrutura linguística organizada de forma a suscitar uma atenção especial por parte do leitor, trazendo consigo uma estética que permite a reflexão. Esse processo de reflexão está intrinsecamente ligado à subjetividade do leitor e seu arcabouço de conhecimentos que, uma vez interligados, propiciam a capacidade de questionar ideologias vigentes e poderes estabelecidos, conforme postula Jonathan Culler, a literatura, historicamente, foi tida como perigosa, uma vez que “[...] ela promove o questionamento da autoridade e dos arranjos sociais” (CULLER, 1999, p. 45). Corroborando com essa ideia, a literatura torna-se,

[...] não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo (COMPAGNON, 2009, p. 33-34).

A literatura, pelo seu caráter questionador, e por proporcionar ao leitor processos reflexivos, torna-se um importante instrumento social, na luta pela autonomia e na busca pelo lugar de fala em uma sociedade que estigmatiza e marginaliza as vozes subalternas que, na maioria das vezes, têm sua representação

¹Emmanuelle se recusa a ser considerada uma pessoa com deficiência.

Exato. Para mim, linguagem gestual é voz, meus olhos são meus ouvidos. Honestamente, não sinto falta de nada. É a sociedade que me deixa deficiente, que me deixa dependente de ouvir as pessoas (tradução: LABORIT, 2000, p. 89).

feita pela visão do intelectual, o que reforça a marginalidade dos que já estão nessa condição. A função social da literatura abre caminhos para a literatura engajada que se destaca pelo caráter expressivo do posicionamento de opinião frente à determinada situação, com o intuito de evidenciar convicções, levando-as à crítica, com vistas à desconstrução de paradigmas.

O cânone literário compreendido por ideologias, estilos e gêneros dominantes de uma determinada época, é marcado pela exclusão e silenciamento de vozes como, por exemplo, a voz do negro, da mulher, do surdo², que é o nosso foco de estudo, dentre outros. No entanto, paralelo ao cânone literário, emerge uma forma de expressão dos grupos marginalizados, conhecida, dentre outras perspectivas, como literatura menor ou literatura marginal, essa forma de expressão literária, por seu aspecto contestador, objetiva evidenciar as lutas, as identidades, a cultura e a representatividade de uma determinada comunidade que, por ser colocada à margem, utiliza a literatura para alcançar o seu lugar de fala, bem como ser ouvida pelos grupos majoritários.

Os estudos desenvolvidos acerca da literatura marginal evidenciam que esse campo literário tem características específicas que a diferenciam da literatura canônica, uma vez que,

[...] se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz solidariedade activa apesar de cepticismo; e se o escritor está à margem ou à distância de sua própria comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 27).

Nessa perspectiva, a Literatura Surda é considerada uma literatura marginal, não pela sua diversidade linguística, mas pelo seu papel revolucionário na busca pela representatividade da cultura surda. A história dos surdos foi marcada pela repressão e apagamento de suas especificidades, principalmente linguística, o que ocasionou diversas barreiras na consolidação de identidade dos sujeitos envolvidos e falta de registros dessa comunidade.

O processo de colonização vivenciado pelos surdos foi marcado pelo Congresso de Milão em 1880³, ocorrido com o propósito de decidir qual a estratégia mais eficiente para o ensino dos surdos, a decisão efetivou-se por meio de votação, onde a maioria dos participantes, que eram ouvintes, decidiu que o melhor para o surdo seria a utilização da língua oral, a partir de então o uso das línguas de sinais foi rechaçado mundialmente, naquele período essa língua já era utilizada pelos surdos em vários países como forma de expressão e percepção do mundo.

² [...] ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 217-218).

³ Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão (Itália) ocorrido no ano de 1880.

Sendo a língua um dos traços de identificação cultural, a língua de sinais é a principal marca da cultura surda, cultura essa que foi invalidada com a repercussão do Congresso de Milão, o ideário ouvintista sobrepôs-se à cultura surda durante mais de um século. Porém, nesse período os surdos encontravam-se nas escolas e conversavam por meio da língua de sinais, escondidos, era uma forma de resistência cultural, uma vez que essa é primeira língua daquele que não ouve e que o possibilita expressar e comunicar de forma natural. Tal resistência deflagrou estudos e pesquisas sobre as línguas de sinais e, em 1960, Willian Stokoe, nos Estados Unidos, comprovou o status linguístico das mesmas. A partir de então, a cultura surda foi fortalecida e compreendida pela comunidade surda como

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2009, p. 27).

A cultura surda é constituída pelas especificidades vivenciadas pelo surdo na sua comunidade, ou seja, nos seus espaços de representatividade, propiciando a perpetuação dos valores e conhecimentos construídos ao longo da história desses sujeitos. De acordo com Karin Strobel (2009), a cultura surda é marcada por vários artefatos, sendo eles: experiência visual, linguístico, familiar, Literatura Surda, artes visuais, político, vida social e esportiva, nesse momento destacaremos a Literatura Surda, que é o objeto que compõe este trabalho.

A Literatura Surda, assim como as demais literaturas, tem os seus precursores que ganharam destaque obras que abriram caminhos para publicações posteriores. A Literatura Surda trata de temáticas relacionadas ao surdo e suas experiências, nesse contexto destacaram-se as escritoras surdas Dorothy Miles (1931) e Laura ReedenSearing (1855), nos Estados Unidos; Emmanuelle Laborit (1971), na França, e no Brasil merecem destaque os autores surdos Nelson Pimenta, Karin Strobel, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva, entre outros. A Literatura Surda não é exclusiva do surdo, pelo contrário, vários autores ouvintes escreveram sobre aspectos relacionados à cultura surda, impulsionando discussões e ampliando esse campo literário, pode-se destacar o escritor Oliver Sacks, na Inglaterra; Carlos Skliar, na Argentina; no Brasil evidencia-se Lodenir Karnopp e muitos outros.

Tendo em vista a função da literatura de humanizar, faz-se necessário refletir sobre o processo de humanização que a Literatura Surda pode proporcionar. Nas palavras de Antonio Candido, a literatura, “[...] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2004, p. 176). Assim, a literatura constitui-se como agente humanizadora, por oferecer ao leitor palavras organizadas com alto grau de significado, com vistas a culminar mudanças no inconsciente e transformar a maneira de ver o outro e o mundo, nessa prática de alteridade o “eu” leitor ressignifica sua mente e seus sentimentos por meio das

experiências do “outro”, dando origem a uma nova visão de mundo, esse processo é traduzido por Candido (2004) como viver.

A Literatura Surda é humanizadora por ser arraigada de valores referentes ao surdo e sua cultura, esse campo literário objetiva evidenciar a cultura surda e suas especificidades, por trazer à tona as experiências, lutas, resistência e constituição dos sujeitos surdos. É latente o desejo dessa literatura pelo reconhecimento do lugar de fala dessa minoria, bem como sua representatividade. Nesse viés, a Literatura Surda não é somente um veículo de informação ou de disseminação de conhecimento intencional, pelo contrário, os objetos literários construídos evidenciam uma literatura empenhada que visa expressar a realidade do surdo, suas barreiras, dificuldades, imposições sofridas, formas de resistência e suas conquistas.

A Literatura Surda caracteriza-se por apresentar, prioritariamente, temáticas relacionadas ao surdo e suas idiossincrasias. Nesse campo literário, segundo Claudio Henrique Nunes Mourão (2012), podem-se destacar três tipos de produções: tradução, adaptação e criação, contudo, essa classificação não é definitiva, tendo em vista as constantes pesquisas acerca das produções literárias relacionadas às especificidades da comunidade surda.

A tradução consiste em partir, por exemplo, de histórias infantis em língua oral e expressá-la em língua de sinais, tendo como objetivo levar construções da comunidade ouvinte ao conhecimento dos surdos, favorecendo assim a acessibilidade literária, pode-se citar algumas das publicações da Editora Arara Azul como **Alice no país das maravilhas** (2002); **Iracema** (2002); dentre outras que “[...] caracterizam-se como traduções para a Libras de clássicos da literatura. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda (MOURÃO, 2012, p. 3). Essa modalidade de produção não é somente a translação da língua oral ou escrita para a língua sinais, uma vez que propicia ao surdo conhecer obras literárias arraigadas da cultura ouvinte, fazendo com que o sujeito surdo adentre o mundo dos ouvintes na perspectiva da escrita literária daquele que não é surdo, por isso também é chamada de tradução cultural.

A adaptação, assim como a tradução, parte de obras do cânone literário ouvinte, porém tem como traço diferenciador a modificação de personagens e enredo com objetivo de trazer o foco para o surdo e suas especificidades, a obra adaptada representa não o ouvinte, mas o sujeito surdo e sua cultura, evidenciando características inerentes ao surdo e dando voz e vez a ele. Os clássicos **Patinho Feio** e **Cinderela** foram adaptados respectivamente, para **Patinho Surdo** (2005) e **Cinderela Surda** (2003), ou seja,

[...] são adaptações de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos (MOURÃO, 2012, p. 3-4).

Nos exemplos citados, os protagonistas são surdos e apresentam a língua de sinais como meio que possibilita a comunicação efetiva e, por consequência, a vivência em sociedade.

A Criação é uma importante forma de produção literária da comunidade surda, consiste na concepção de obras originais que expressam sentimentos, emoções e lutas, enraizados nos movimentos culturais do povo surdo. Nesse tipo de Literatura Surda, “[...] encaixam-se textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam na comunidade surda” (MOURÃO, 2012, p. 4). Esse tipo de produção está ganhando espaço juntamente com a comunidade surda, que está em constante ascensão. Como exemplos de criação, podemos citar as autobiografias **Despertar do silêncio**, de Shirley Vilhalva (2004) e **O grito da gaivota**, de Emmanuelle Laborit (1994), de autoras surdas, e **Tibi e Joca uma história de dois mundos** (2001) de Cláudia Bisol, autora ouvinte.

O sujeito surdo por muito tempo foi posto à margem pela comunidade majoritária ouvinte, por meio da rejeição linguística e cultural, contudo esse processo de marginalização não extinguiu da comunidade surda o desejo latente de comunicação pelo canal visual o que impulsionou, além da percepção de mundo, a expressão de sentimentos e ideias. Nessa perspectiva, a Literatura Surda surge como um importante instrumento discursivo, não se destacando somente pelo seu papel informativo, mas, sobretudo pela função de posicionar e reivindicar frente a paradigmas que excluem e marginalizam os surdos, assim, a Literatura Surda não pode ser vista como desinteressada, pelo contrário, ela é arraigada de sentimento revolucionário, o que a coloca no campo da literatura empenhada, que segundo Candido, constitui-se por

[...] produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica (CANDIDO, 2004, p. 180-181).

A forma de expressar e o posicionamento do autor a respeito da realidade e das vivências do surdo fazem com que a Literatura Surda seja empenhada na busca pelo reconhecimento da língua de sinais como forma genuína de comunicação dos surdos, bem como na valorização das especificidades culturais dos mesmos. A comunidade surda foi fortemente prejudicada quando tentaram extinguir sua língua, tendo como implicações a falta de registros históricos e literários, contudo a Literatura Surda emerge como forma de resistência e representatividade desse povo, na luta pelo não apagamento frente à comunidade ouvinte.

A literatura de resistência, considerada subalterna, segundo Deleuze e Guattari, caracteriza-se quanto à “desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político e o agenciamento colectivo de enunciação”

(DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 28), por esse ângulo a Literatura Surda é um artefato que possibilita levar a língua de sinais e a cultura surda para além do território do povo surdo, corroborando com o conceito de desterritorialização,

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323).

Os diversos movimentos sociais incitam processos de transformação contínua no ser humano, sendo necessário sair do seu território, desconstruir-se para construir-se novamente, com os sujeitos surdos essa ação é análoga, os acontecimentos históricos e sociais impulsionam a busca por novos caminhos, novas atitudes, novas formas de exercício de poder, frente à marginalização a qual são submetidos. Em face do exposto, a Literatura Surda cumpre o seu papel de desterritorializar a língua de sinais e a cultura surda, tendo em vista que a língua de sinais ultrapassa as barreiras do território dos surdos chegando aos ouvintes, levando consigo as especificidades culturais da comunidade surda, o que, conseqüentemente, possibilita o processo de representação dos surdos e suas experiências culturais, que são distintas dos ouvintes, tendo em vista que têm a visão e a sinalização como formas de percepção e expressão.

Dentre as nuances da Literatura Surda, há a literatura visual que compreende principalmente as narrativas dos surdos tematizando a valorização da língua de sinais, a constituição identitária, a cultura surda e o empoderamento do sujeito surdo. A partir dos estudos sobre literatura visual, depreende-se que essa forma estética diz respeito

[...] a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente, apresenta em sua narração em língua de sinais, a identidade e a cultura surda (KARNOPP, 2010, p. 161).

A autora ao conceituar a literatura visual, como forma de expressão das experiências do sujeito surdo, expõe que a surdez não é uma deficiência, a falta de algo, mas sim a presença da percepção visual como aspecto marcante da diferença cultural entre comunidade surda e comunidade ouvinte. Outro fator de extrema relevância nesse contexto é a língua que se coloca como traço distintivo entre

culturas, nessa perspectiva, a história dos surdos revela que as produções literárias desse grupo se davam inicialmente em língua de sinais, por meio da sinalidade⁴, onde os surdos contavam e narravam histórias, tendo como canal de comunicação a língua de sinais composta por elementos visuais e espaciais.

A literatura visual constitui-se como estratégia de expressão do sujeito surdo, corroborando com o exposto por Candido (2004) que, todo ser humano tem o direito à literatura, quer seja para fruição, para expressão ou para a apreensão do mundo, assim, a literatura visual objetiva o fortalecimento identitário do surdo, uma vez que

[...] essas produções são próprias desta comunidade, que necessita do contato entre as pessoas surdas para fortalecer sua identidade. [...] o surdo é trazido para a comunidade e constrói sua identidade a partir desta convivência, bem como passa a conhecer as produções típicas do folclore surdo – transmitidas de geração em geração – e despertar para a fruição estética em língua de sinais (KLAMT, MACHADO e QUADROS, 2014, p. 212).

Nesse viés, a literatura visual produzida pela comunidade surda emerge como um importante artefato para o fortalecimento cultural, uma vez que é constituída pelas experiências e vivências históricas dos surdos que foram excluídos pela sociedade ouvinte, tendo em vista o desconhecimento da língua de sinais. A estética literária torna-se para o surdo um instrumento de resistência linguística e cultural, que possibilita exteriorizar a relevância dessa língua para a constituição identitária e o exercício de poder desse sujeito, com as produções literárias os surdos alcançam o lugar de fala e mostram aos ouvintes que o respeito à diversidade linguística e cultural é necessário e urgente, para que os surdos não estejam à margem, mas sim, sejam integrantes na construção de uma sociedade mais humana que tem como principal característica a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma discussão sobre a Literatura Surda como elemento de representatividade de uma parcela da sociedade que é marginalizada pelo fato ser surda, fez-se necessário trazer à tona algumas das funções da literatura para o ser humano, como humanizar, libertar, incitar reflexões, se posicionar e desconstruir paradigmas. Assim, a Literatura Surda emerge como aparato de resistência da comunidade surda, frente à colonização cultural ouvintista e luta pelo direito às especificidades linguísticas e culturais, que constituem a cultura surda. Através da Literatura Surda, difundida por meio de enredos traduzidos, adaptados e criados, é possível que o surdo tenha o direito à fala e a ser *ouvido*, pela comunidade

⁴Sinalidade é o termo utilizado por Mourão (2011, p. 19) para a produção linguística em sinais de surdos, assim como o termo oralidade é tradicionalmente utilizado para o ouvinte.

majoritária ouvinte, o que o possibilita a sua constituição de identidade e autorepresentação.

A Literatura Surda, pelo seu caráter empenhado, possibilita a desterritorialização da língua e da cultura do sujeito surdo, transformando-se em um artefato capaz de derrubar fronteiras entre a comunidade surda e os ouvintes. As produções literárias da comunidade surda objetivam mostrar sua história, militância, luta e resistência, bem como as conquistas, tendo em vista que o próprio ato de produzir literatura consiste numa conquista.

Por meio de produções literárias o sujeito surdo além de constituir sua identidade incita novas possibilidades tanto no leitor surdo, que se sente representado e é incitado a se constituir também, quanto no leitor ouvinte, que é convidado a praticar a alteridade, com vistas a desconstruir paradigmas existentes.

Nesse sentido, a Literatura Surda vai muito além de narrações para fruição ou distração dos leitores, ela surge como instrumento de resistência à colonização histórica que os ouvintes impuseram aos surdos, por meio da marginalização social, rejeição da língua de sinais, determinação da oralização, dentre outras ações que marcaram o que se denomina ouvintismo. A literatura destaca-se na comunidade surda, assim como nos demais grupos subalternos, como artefato de expressão, possibilitando a esses mostrar sua identidade, sua cultura e suas diferenças àqueles que estabelecem paradigmas excludentes que marginalizam o diferente, esquecendo que as diferenças constituem o todo.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: **Vários escritos**. 4ª Ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre azul, 2004, p. 169 – 191.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GUATTARI, E e ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1996.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções Culturais de Surdos: análise da Literatura Surda. In: **Cadernos de Educação**. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, 2010.p. 155-174

LABORIT, Emmanuelle. **Le Cri de la Mouette**. Avec la collaboration de Marie-Thérèse Cuny. Paris: Éditions Robert Laffont S.A. 1993.

LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota**. Tradução Angela Sarmento. Lisboa: Caminho, 2000.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 132 f. Dissertação. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000785443&loc=2011&l=b5039a03894fc00b>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Adaptação e tradução em Literatura Surda: A produção cultural surda em Língua de Sinais**. IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4114736-Adaptacao-e-traducao-em-literatura-surda-a-producao-cultural-surda-em-lingua-de-sinais.html>>. Acesso em 07 jan 2020.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. **Surdos: o narrar e a política**. Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 217-226. Disponível em: <www.Periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 21 jun 2019.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

Para citar este artigo

SANTOS, R. A. F.; SOUSA, M. J. F. de. Literatura surda: ressignificando história e cultura. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 142-151.

Os Autores

ROSILENE APARECIDA FROES SANTOS é mestranda em Letras Estudos Literários e professora intérprete de Libras da Universidade Estadual de Montes Claros.

MÁRCIO JEAN FIALHO DE SOUSA é pós-doutor em Literatura Portuguesa e professor de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros.